

Entre a Fúria e a Loucos pelo Botafogo: apontamentos sobre modernização do futebol, socialização e individualidade

ISABELLA TRINDADE MENEZES¹

O objetivo deste artigo é apresentar parte dos resultados obtidos durante meu trabalho de mestrado no Programa de Pós Graduação em Memória Social na Unirio. A questão para desenvolvimento do trabalho foi em que medida o processo de mercantilização e espetacularização do futebol provocou mudanças na forma de torcer. Para tanto, comparamos dois grupos de torcedores do time Botafogo Futebol e Regatas do Rio de Janeiro. Aqui, analisaremos um ritual dos dois grupos, a partir da construção do cenário nas arquibancadas, mais especificamente, acerca das diferenças entre o ritual das bandeiras no “movimento²” Loucos pelo Botafogo e a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo. Acreditamos que os grupos em questão constroem diferenças materiais e simbólicas em uma competição pelo capital simbólico de uma identidade botafoguense.

É necessário relacionar a disputa pelo “capital simbólico” ao contexto histórico vivido pelas torcidas organizadas e pelas “torcidas de alento”, representadas aqui pela Fúria Jovem do Botafogo e Loucos pelo Botafogo, respectivamente. A diferença entre os dois grupos é mais que uma terminologia, está inserida nas transformações do futebol mundial, de acordo com uma matriz espetacularizada (DAMO, 2007).

A Fúria Jovem do Botafogo é uma torcida organizada, que existe desde 2001, nascida de uma divisão da antiga TJB (Torcida Jovem do Botafogo). As torcidas organizadas são grupos torcedores que surgiram em meados dos anos 60 a partir de uma identidade juvenil e de uma subversão da identidade clubística dos anos 40 das torcidas uniformizadas, segundo Bernardo Buarque de Hollanda (Hollanda, 2010). Surgiram assim, da inconformidade tanto em relação ao gerenciamento dos dirigentes esportivos, quanto ao comportamento dos chefes de torcida. Teve início com uma marcação física nas arquibancadas, por uma atuação social, a partir da organização de protestos

¹ Mestre em Memória Social pela Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Dissertação defendida em agosto de 2010. Bolsista CAPES.

² O termo “movimento” é utilizado pelo grupo para diferenciação das torcidas organizadas, conhecidas pelo envolvimento com a violência e com questões ilícitas.

torcedores e da adoção de uma postura autônoma frente ao clube, incorporavam ainda paródias de sambas ao seu repertório musical. Já na década de 80, essas agremiações incorporaram novas formas de torcer, influenciadas pela televisão, criando técnicas corporais específicas a partir de traços de sua socialização, como por exemplo, a valorização da força física e da virilidade. Atributos importantes para os confrontos físicos e simbólicos nas arquibancadas.

Esses grupos ganharam visibilidade na década de 90, pelo envolvimento em enfrentamentos físicos e com questões ilícitas. Podemos destacar a “batalha campal do Pacaembu³” como um marco nesse processo. Transmitida pela TV, a invasão de campo por torcedores da torcida Independente⁴ e da torcida Mancha Verde⁵, resultante do enfrentamento entre os dois grupos, foi transmitida ao vivo em rede nacional. O conflito resultou na morte de um adolescente e centenas de feridos. As cenas chocaram pela violência e pelo fato de que o espancamento foi também televisionado. Esse acontecimento é simbólico porque incitou um debate em nível nacional que abarca a legalidade dos torcedores organizados e, as relações nebulosas existentes entre torcedores e a diretoria dos clubes. Enfim, serviu como disparador de ações que vinham sendo discutidas que incluíram desde medidas policiais, como o cadastramento de torcedores, à proibição de existência de torcidas organizadas, seguidas, ainda, pela proibição da entrada de certos tipos de materiais nos estádios de São Paulo.

Nos últimos anos, presenciamos o surgimento e o crescimento de torcidas de alento, que aos poucos foram tomando parte cada vez maior na co-construção do espetáculo nos estádios, seja na elaboração de novas formas de torcer, seja na construção de cenários colaborativos. No Rio de Janeiro, podemos apontar os casos da torcida Urubuzada do Flamengo, da Guerreiros do Almirante do Vasco da Gama e da Legião Tricolor no Fluminense, representativas desse novo modelo de torcer, no qual a Loucos pelo Botafogo, aqui estudada, se encaixa. São agrupamentos torcedores que buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação. Com o objetivo de diferenciação das torcidas organizadas e, logo, das

³ Ocorreu em 1995 e foi transmitida ao vivo pela TV.

⁴ Principal torcida organizada do São Paulo.

⁵ Principal torcida organizada do Palmeiras.

práticas violentas institucionalizadas, esse grupos adotaram modelos de torcer que incluem práticas cada vez mais racionalizadas e organizadas.

O “movimento” Loucos pelo Botafogo é um grupo que se denomina “movimento” tendo em vista a diferenciação das torcidas organizadas, por seu caráter violento. O grupo foi fundado em 2006 e tem como principal objetivo “o amor incondicional” ao Botafogo. De acordo com a chamada “ideologia⁶” da torcida, seus integrantes assistem o jogo sem parar de cantar e acenar suas bandeiras. Ficam em um espaço delimitado por uma espécie de corda, que denominam suas barras, em referência aos *barrabravas*⁷ argentinos. O grupo não insulta ou discorda do clube publicamente, ou seja, não há mais espaço para o protesto torcedor das torcidas jovens. Seus integrantes são sócios do clube, em sua maioria, e possuem acesso aos assuntos da instituição e sua diretoria.

Quando um torcedor participa de uma comunidade de pertencimento que extrapola os limites de um torcedor “povão⁸”, consideramos este torcedor engajado. A relação entre torcedores engajados e clube é variável, tanto que os dois grupos aqui estudados constroem significados diferentes para seu investimento emocional, porém, ambos lutam por reconhecimento junto ao clube, ou seja, pelo capital simbólico de ser botafoguense, inserindo-se assim, na dinâmica do clubismo.

Na matriz espetacularizada, o engajamento emocional do torcedor é revertido em doação ao clube, assistência das partidas de futebol, e é visto como a possibilidade de engajamento econômico, a partir do momento no qual o torcedor é visto como um mercado consumidor em potencial, a partir da dinâmica do clubismo (DAMO, 2007), rede de sentidos, na qual ser Botafogo ou Flamengo adquire sentido. O clubismo organiza o futebol brasileiro em nível nacional e regional, a partir dos campeonatos. Dividindo os times de acordo com seu tamanho e número de torcedores. Dessa forma, o ser Botafogo adquire significado em sua prática clubística, seja em relação aos seus adversários, seja em relação ao histórico do clube.

⁶ É o termo que seus integrantes utilizam para definir qual o comportamento adequado aos integrantes do grupo.

⁷ Cabe ressaltar que esse termo é utilizado para designar um grupo específico de torcedores nas torcidas argentinas, os mais violentos, os que se saem melhor nas brigas. Porém, a questão das barras serve como um referencial simbólico para a Loucos pelo Botafogo, mesmo que não tenha correspondência em relação à violência.

⁸ Esta terminologia é utilizada pra identificar o torcedor comum, que não faz parte de nenhuma torcida.

A atual configuração do futebol brasileiro, inserido em uma perspectiva globalizada, interligada com um mercado mundial de “pés-de-obra“ e afins em um campo esportivo, faz parte do que Luiz Henrique Toledo (2000) denomina como o terceiro momento do futebol. Podemos apontar como características principais a diminuição da burocratização e a ampliação dos processos de profissionalização, no que se refere aos jogadores e ao gerenciamento de clubes, federações e confederações, fase que passou a contar ainda com a presença de capital privado “patrocinando e condicionando” negócios esportivos.

Se o futebol é uma paixão nacional, há um vasto mercado a ser explorado, tanto no que diz respeito a materiais esportivos, como camisas, chuteiras, camisas promocionais de aniversário, venda de ingressos, venda de títulos do clube, e ainda, a venda das partidas de futebol para as transmissoras de TV, como por exemplo, a TV Globo, que detém a exclusividade do Campeonato Brasileiro da série A⁹. A compra dos direitos de exibição do Campeonato Brasileiro pela TV Globo, implica, por exemplo, no horário de realização dos jogos, que devem ter início somente após a novela das nove, fato que evidencia a interferência e a importância do capital econômico privado no futebol, conforme apontado por Toledo (2000).

A dinâmica do clubismo e da organização do futebol brasileiro tal conhecemos atualmente é resultado da ação da FIFA em escala global, a partir do seu agenciamento e codificação. Podemos entender essa instituição nos moldes capitalistas, já que seu investimento ocorre no sentido de geração de lucros e construção de um aparato internacional que permite a circulação de profissionais, capitais, regras e uma forma específica de jogar, formando um mercado de “pés-de-obra” e capital futebolístico capaz de transitar em todo o mundo sobre os mesmos parâmetros avaliadores. A matriz espetacularizada contém um caráter comercial, a partir dos diversos interesses envolvidos: que vão desde os torcedores, vistos como consumidores, aos patrocinadores, agenciadores, críticos e dirigentes. Todos fazem parte do mercado da bola e, portanto, influenciam e sofrem influência do campo esportivo.

⁹ A rede Globo pagou o equivalente a R\$ 1,4 bilhões, para transmissão do Campeonato Brasileiro de 2009, 2010 e 2011. Com a assinatura do contrato, a Globo passou a ser a detentora dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro em TV aberta, fechada, pay-per-view e das placas de publicidade em torno no campo. Notícia retirada do site: planetaboleiros.wordpress.com. Visita em 16/10/2009.

Para o futebol espetáculo, a presença de público é fundamental. Porém, esse público não está na assistência meramente para observar uma partida dividida em ganhar ou perder; na verdade, há um grande investimento em termos afetivos. O torcedor “povão” que se dirige a um estádio faz parte de uma comunidade afetiva que é o seu time. Para compreensão dessas emoções é necessário entender o que significa ser torcedor do Botafogo e qual o drama que essa escolha representa. Ir a um jogo para um torcedor é mais que desejar a vitória.

Para os torcedores que fazem parte de uma instituição torcedora há um investimento afetivo, simbólico e econômico, dada a necessidade de organização e compra de materiais dessas agremiações. Nesse sentido, analisaremos a relação entre individualidade e socialização nos dois grupos estudados, partindo da premissa de que a Loucos pelo Botafogo está mais alinhada com as práticas do futebol espetacularizado que a Fúria Jovem do Botafogo. Porém, é importante ressaltar que ambos os grupos estão inseridos na dinâmica da matriz espetacularizada. Não há uma oposição entre os dois grupos a partir da dupla individualidade/ coletividade, já que ambos os grupos compartilham ideais que transitam entre esses parâmetros. É possível perceber um alinhamento maior da Loucos em relação à individualidade e da Fúria em relação à coletividade do grupo.

A matriz espetacularizada constrói uma lógica “individualizante” (Elias, 1994) que influencia o *habitus* (Bourdieu, 2007) dos torcedores. As práticas do “movimento” Loucos pelo Botafogo estão mais alinhadas com práticas individualizadas, porque estão em consonância com a manutenção da ordem. Ao se afastarem do conhecido protesto torcedor, “os loucos” pregam um amor incondicional ao Botafogo, enquanto instituição e comunidade de pertencimento. Nessa relação não há espaço para críticas abertas ou comportamento desordenado, ao contrário, os torcedores adotam uma prática missionária de um amor desmedido.

A necessidade de mudanças na forma de torcer reflete algumas características do próprio gerenciamento do esporte, favorável à adoção de uma lógica mais empresarial e modernizante do futebol. A partir dessa visão moderna do futebol espetacularizado como um negócio lucrativo a ser explorado, essas novas formas de torcer estão alinhadas como um modelo a ser estimulado, já que garantem a paz e a rentabilidade do esporte.

A construção de um modelo tido como seguro pelas autoridades envolvidas no gerenciamento do futebol apresenta medidas como o aumento da vigilância e do controle das torcidas dentro dos estádios, que podem ser encontradas na própria organização dos espaços físicos, representando assim, a materialização de um processo de pacificação dos torcedores.

Tendo em vista a necessidade de proteção dos jogadores, valiosas mercadorias no mercado da bola e a manutenção da estrutura física dos estádios cada vez mais modernos, é importante destacar a diminuição da capacidade de torcedores (GAFNEY e MASCARENHAS, 2005-2006). O que ainda é acompanhado de aumento no preço dos ingressos, com o objetivo de maximizar os lucros, pois diminui-se o público, aumenta-se a renda. Partindo de uma lógica mercantil e capitalista, é mais rentável a manutenção de um espetáculo pacífico, no qual os torcedores manipulam os símbolos do time sem confrontos, nem físicos, nem simbólicos e se mantém como mercado consumidor.

As estruturas do futebol são incorporadas, a partir da modernização de outros setores, como por exemplo, a adoção de paradigmas de gestão dos clubes racionalizados que, atrelado a uma mercantilização crescente desse esporte, provoca a mudança no enfoque do público, que passa a ser relacionado a um mercado consumidor em potencial no campo esportivo. É um efeito em cadeia, já que, mesmo que inconscientemente, o comportamento dos torcedores tende a corresponder a esse estímulo, parte de um processo global, gerenciado pela FIFA. Esse efeito pode ser relacionado principalmente à valorização da imprensa esportiva.

Os gestos torcedores são transmutados em distinções significantes, mais que uma diferenciação empírica, a competição pelos bens simbólicos está na base das diferentes estratégias de diferenciação, desde a ocupação dos espaços físicos nas arquibancadas a sua construção enquanto estrutura significativa e produtora de sentido.

A adoção de um comportamento pacífico e de uma postura de colaboradores do espetáculo foram características fundamentais para a visibilidade e estímulo desses grupos em âmbito nacional, visto que há um claro e amplo apoio dos meios de comunicação a esses tipos de ações. As torcidas de alento são retratadas como a materialização de paz no futebol e a volta da família aos estádios. Podemos identificar

esse tipo de comportamento como parte de uma mudança das torcidas. O estímulo da mídia, por exemplo, ajudou bastante nessa construção.

A valorização aos cânticos de alento está intimamente relacionada à tentativa de diminuição de distúrbios nos estádios, que coloquem em risco o show vendido - o espetáculo futebolístico - os jogadores e as instalações físicas, o patrimônio dos clubes. O próprio som pode representar uma interferência na transmissão do jogo, ao chegar às casas com gritos de palavrão ou manifestações violentas. Comportamentos desviados que comprometem a transformação da figura dos torcedores em consumidores, no contexto de mundialização do esporte, conforme apontado por Marcos Alvito (2006) acerca do controle do espetáculo:

As autoridades procuram garantir um futebol higienizado, um produto televisivo não perturbado por quaisquer distúrbios, onde a torcida e suas manifestações mais extremadas aparecem como aquilo que em teoria da comunicação é chamado de “ruído”. O projeto de transformação do torcedor em consumidor é explícito: no mesmo capítulo XI (Estatuto do Torcedor), o artigo 40 afirma que os direitos dos torcedores seguirão na “mesma disciplina da defesa dos consumidores”.

Neste sentido, a composição dos cenários decorados com camisas, símbolos, bonés, bandeirões, bandeiras, bandeirinhas e vêm acompanhados de cânticos, gritos de guerra, palmas, movimentos corporais e do uso de outros instrumentos, será analisada como colaboradores deste processo. E, por isso, o uso desses signos é distinto nos dois grupos estudados, como por exemplo, nos símbolos adotados nas bandeiras. Enquanto a Fúria estampa suas bandeiras com cachorros fortes, os mesmo analisados nas fotos das camisas, o “movimento” estampa suas bandeiras com os ídolos do passado, em oposição aos jogadores da atualidade. Para a aquisição do capital simbólico na Fúria é necessário ter traços de opulência e força, enfim, ideais de masculinidade compartilhados no interior das torcidas organizadas. Já na Loucos, os ideais de construção identitária estão relacionados diretamente ao amor ao clube, daí a devoção aos símbolos do clube, como a estrela solitária ou as próprias camisas oficiais.

Logo, podemos apontar a disputa pelo capital simbólico, já que, diferentemente das outras modalidades de capital, este não é imediatamente perceptível como tal, por ser uma espécie de poder ligado à propriedade de "fazer ver" e "fazer crer". O capital simbólico é, a grosso modo, uma medida do prestígio e/ou do carisma que um indivíduo ou instituição possui em determinado campo. O sistema de bens simbólicos para

Bourdieu (2007) refere-se a bens representativos de uma categoria de "distinções simbólicas" que transmuta os bens em signos, as diferenças de fato em distinções significantes, que devem o essencial de seu "valor" à sua posição em uma estrutura social, definida como um sistema de posições e oposições. Deste modo, a partir de uma marca de distinção, o capital simbólico permite que um indivíduo desfrute de uma posição de proeminência frente a um campo, e tal proeminência é reforçada pelos signos distintivos que reafirmam a posse deste capital.

Partimos do pressuposto de que a modernização do futebol possibilita/ estimula o surgimento de transformações nas formas de torcer, aqui representadas pela Loucos pelo Botafogo. A discussão desse argumento, a partir do processo de individualização de Nibert Elias (1994), em **A sociedade dos indivíduos**, levando em consideração que tal abordagem não examina este processo como uma necessidade de evolução da sociedade ou como etapa necessária à civilização, mas como uma dos desdobramentos do processo modernizante do esporte atrelado às mudanças na forma de torcer nos últimos tempos. Como um aumento das estruturas de regulação na vida do indivíduo. Entendemos ainda esse controle, como uma tentativa de racionalização.

Nesse sentido, acreditamos que um dos elementos constitutivos da composição dos cenários acrescenta contribuições na discussão das diferenças na forma de manipulação do capital simbólico ou na tentativa de adquiri-lo: a oposição entre o “bandeirão” das torcidas organizadas e as bandeirinhas do “movimento” ou torcidas de alento.

O “bandeirão” das torcidas organizadas, também utilizado pela Fúria, torcida aqui estudada, é uma bandeira enorme, de aproximadamente 40 metros de largura por 4 metros de altura e tem estampado em si o símbolo ou nome da torcida. Ela é carregada como um dos mais valiosos, se não o mais valioso, símbolo da torcida, já que contém em si a representação da espacialidade, por ser grande e, visível a todos no estádio, representativa de força e poder. Esse “bandeirão” é levado somente a jogos muito importantes, como clássicos, jogos decisivos ou jogos com público de elevado número, nos quais a torcida seja suficiente para protegê-lo, já que é alvo de investidas das torcidas dos times adversários. Dessa forma, o “bandeirão” é convertido em capital simbólico por seu significado, relacionado à imponência do tamanho e espaço ocupado, ideais de pertencimento do grupo.

O “bandeirão” é levado enrolado até a arquibancada e desenrolado em momentos chave, quando vai sendo passado de mão a mão e cada torcedor puxa uma ponta e passa para o torcedor da frente ou de trás, dependendo do local de onde está saindo, embaixo ou em cima das arquibancadas. Nesse movimento do “bandeirão”, todos os torcedores são encobertos por ele e sacodem de um lado para o outro. Aqui, o “bandeirão” é importante capital simbólico, uma vez que funciona como traço distintivo em relação às outras torcidas, por sua opulência e tamanho. Tais valores são importantes na representação da Fúria, porque têm como objetivo uma manifestação de força, tanto física quanto numérica.

Essa cobertura do “bandeirão” sobre todos os torcedores pode ser interpretada como a representação do ideal do grupo se sobrepondo aos indivíduos. É a cobertura do “nós”, da coletividade sobre o grupo, já que é esta que se sobressai. Observamos a supressão da individualidade de cada um em prol do “bandeirão”, já que, ao passarem o paramento por cima de suas cabeças, os torcedores ficam impossibilitados de assistirem ao jogo. Constroem, assim, um cenário imponente, baseado na grandeza territorial e visibilidade, bens simbólicos que funcionam como traços distintivos nesse caso.

Em contrapartida, o “movimento” Loucos pelo Botafogo faz uso de pequenas bandeiras com 60 cm de largura por 40 cm de altura de extensão, que são acenadas durante o jogo todo, em um movimento cadente, junto ao movimento do corpo e representa o esforço individual de cada torcedor. Nesse caso, a individualidade é a principal representação, já que cada um é responsável por acenar sua própria bandeira, conseqüentemente, temos a formação do grupo, representado visualmente pelo esforço individual de cada um.

O traço distintivo, aqui convertido em capital simbólico, é a longa duração da ação e o esforço de cada um. É a representação da participação controlada de cada participante. Controlada em dois sentidos, no sentido que todos exercem a mesma função, o mesmo movimento cadente e, ainda, no sentido de que não há uma explosão de energia, de emoções. É um constante de emoções cadenciadas ao longo da partida.

A força do indivíduo, ou seja, da identidade-eu, parece se sobressair em um, e a força do coletivo, a identidade-nós, em outro. Acerca dos cenários construídos, acreditamos que a diferença entre a adoção do “bandeirão” pelas torcidas organizadas e das bandeirinhas individuais pelo “movimento” Loucos pelo Botafogo auxilie na

problematização das configurações de ambos os grupos, nos quais a relação entre o nós e o indivíduo é tensionada na construção dos cenários nos jogos. Ambos os casos nos remetem à coletividade, porém, essa coletividade é ritualizada de forma distinta na construção dos cenários. Ao falar da construção dos cenários temos por objetivo abordar as torcidas como uma festa espetacular, “onde o desenrolar do rito desvela extraordinária sofisticação artística, as fronteiras entre participantes e espectadores são fluidas e intercambiáveis, existência de diversas linguagens expressivas” (CASTRO, 2002).

A construção dos cenários nos estádios a partir de uma lógica modernizante nos remete a uma oscilação entre a aceitação e a adequação às novas demandas e entre o pertencimento clubístico, alvo de investidas apaixonadas e emotivas. Ocorre o embate entre racionalidade e emoção ou controle e desmedimento. A tensão existente entre a coletividade e a individualidade nesses dois grupos é o cerne da problematização da diferença dos rituais entre elas. A coletividade pode ser considerada uma herança das torcidas jovens, na medida em que esses grupos possuíam um ideal conjunto, de luta por seus direitos e, principalmente pelo direito ao protesto torcedor, forma autônoma de participação em relação ao clube. Já a individualidade, faz parte de um modelo racional de torcida, no qual o importante não é o grupo, mas a manifestação de apoio ao clube em si. Esta é manifestada de forma individual, cada integrante possui uma relação direta com seu clube, como se o amor botafoguense não precisasse do intermediário torcida. Porém, é a união de todos os indivíduos colaboradores da Loucos que permite ao grupo ser o que é e sua visibilidade.

Podemos perceber que na Loucos há uma lógica ou, pelo menos, um esforço objetivo de construção de uma lógica mais racionalizada, alinhada com as demandas mercadológicas e modernizantes do futebol na atualidade. Ronaldo Helal (1997) afirma que há uma dicotomia na gestão do futebol brasileiro, que seria a oposição entre um modelo amador, no qual os dirigentes são envolvidos com questões afetivas do clube e um modelo modernizado e racionalizado, cujo objetivo é a transformação do futebol em negócio. Percebemos que os dois grupos transitam por esse dilema, não de uma maneira dicotômica, já que os dois estão inseridos no mesmo momento do futebol mercantilizado, porém, em uma fase de transição. Ambos os grupos vivem o amor ao Botafogo, ora de forma racionalizada, a partir da tentativa de aquisição do capital

simbólico, ora de forma emotiva, ao declarar o amor desmedido ao clube e ao vivenciar a própria dinâmica do torcedor engajado.

Há uma fronteira delimitada que permite a diferenciação de quem é jogador e quem é espectador. Quando falamos que as fronteiras são fluídas e intercambiáveis entre esses papéis sociais, o objetivo é inserir o espectador como parte do espetáculo do jogo, ou melhor, como produtor de um espetáculo a parte, por isso, a discussão sobre a construção dos cenários. Na mesma linha interpretativa, Bernardo Buarque de Hollanda fala de uma “inversão dos dois elos na sociedade do espetáculo: estrutura binária ator – espectador. Quando o espectador deixa de ter uma postura passiva - só de admiração e observação – para adotar certos tipos de comportamento, ocorre sua passagem de espectador para ator e produtor do espetáculo. Essa postura de ator produtor pode variar, conforme demonstrado a partir da problematização das bandeiras.

Considerações finais

Ao se tornar diferente internamente, esses grupos assumem uma disputa pelo capital simbólico do seu próprio grupo. Esse é um movimento constante que existe entre as torcidas, desde o surgimento da figura do torcedor, como foi possível perceber ao longo do processo histórico do torcedor: as práticas foram sendo mudadas em uma perspectiva dialógica com o campo esportivo; as torcidas uniformizadas surgem com o objetivo de auxiliar o time; depois temos as torcidas jovens que surgem para protestar e garantir os direitos dos torcedores, em uma perspectiva associativa.

Esse ideal se perdeu ao longo da década de 80 e as torcidas organizadas adquirem um comportamento mais violento. Nos anos 2000, surgem os “movimentos”, torcidas que juram o amor e fidelidade clubística, acima, até mesmo, de sua própria identidade, quase como uma continuidade do time. Em um dos casos estudados, a Fúria Jovem do Botafogo se encaixa no perfil das torcidas organizadas, mesmo tendo surgido nos anos 2000. Por ser uma dissidência da TJB (Torcida Jovem do Botafogo), manteve os mesmos valores associativos do grupo que a precedeu. Já no caso da Loucos pelo Botafogo, podemos tipificá-la como um desses “movimentos”.

Percebemos que o habitus torcedor foi moldado a partir das estruturas objetivas do campo esportivo, acompanhado de sua autonomização e das transformações que foram geradoras de comportamentos compatíveis. Ao mencionar a “construção” desse habitus torcedor nos referimos a uma ambivalência, em uma mudança que é agente e

sofre a transformação, em uma relação dialógica; por isso, os conceitos de individualização social de Nobert Elias, campo social e habitus de Pierre Bourdieu foram importantes ferramentas analíticas, por permitirem apontarmos as tensões existentes entre o campo e as ações torcedoras.

Quando o torcedor adquire status de consumidor, há a indicação de um caminho a ser seguido, porém, quem segue esse caminho é ele, ao interiorizar as novas práticas e transformá-las em padrões de sociabilidade nos estádios e em outros momentos de torcer, como podemos apontar com o processo de individualização nos estádios, primeiro com o fim da geral, seguido da individualização dos lugares e com a construção do Engenhão¹⁰, estádio no qual cada um tem sua cadeira.

Percebemos, então, que as práticas torcedoras transitam entre os dois grupos, já que não são estanques. Mesmo que a Loucos pelo Botafogo se construa a partir da negação das já conhecidas torcidas organizadas, há traços comuns a esses grupos, como a participação no clube e a existência de uma estrutura administrativa, mesmo que ainda não institucionalizadas no “movimento”.

¹⁰ Estádio Olímpico João Havelange. Construído no bairro do Engenho de Dentro na Zona Norte do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe nesse latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização”. Revista Análise Social, Lisboa. Vol. 41, n. 179, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Editora Zouk, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Os sentidos no espetáculo”. Revista de Antropologia, vol. 45, São Paulo, 2002.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

ELIAS, Nobert. Sociedade dos indivíduos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

HELAL, Ronaldo. Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora 7 letras. 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.